

Grandes reservas da Amazônia ainda não atraem investidores

Sem escoamento, gás de Urucu é quase todo reinjetado nos poços

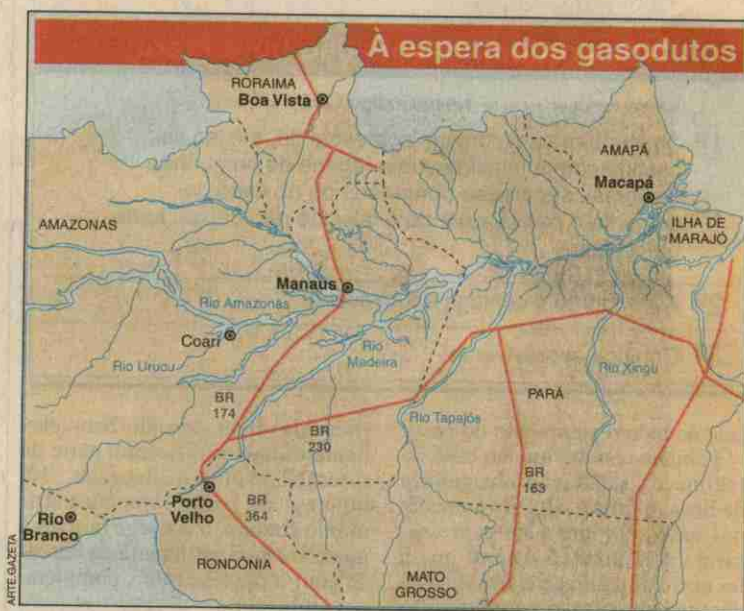
Sabrina Lorenzi/InvestNews
de Coari (AM)

As companhias de petróleo deixaram a Amazônia em paz, mesmo diante de reservas gigantes de gás e petróleo da melhor qualidade do País — como crêem seus habitantes e sabe a Petrobras. As atividades de exploração na região, com perfuração e implosão de poços, estão muito aquém do que arquitetou a Agência Nacional do Petróleo (ANP). E a produção na selva, longe de atingir seu potencial, parece conviver em harmonia com o meio ambiente.

A Petrobras devolveu à ANP nove áreas inteiras de exploração na Amazônia, adquiridas em 1998, na "Rodada Zero". Outros 7,6 mil km² foram devolvidos em agosto deste ano como parte não explorada do BA3, ficando a estatal com 117 km² do mesmo bloco, localizado na Bacia do Amazonas.

Nenhuma petroleira privada ousou embrenhar-se nas bacias da Amazônia: das quatro áreas que somam cerca de 55 mil km² colocadas em leilão pela agência, apenas um bloco foi adquirido, pela Petrobras. O BT-SOL-1, localizado na Bacia do rio Solimões, foi arrematado pela empresa no ano passado, na Quarta Rodada de Licitações da ANP. Em fase de levantamentos sísmicos, a estatal tem até 2006 para decidir se manterá ou devolverá o bloco.

No meio da selva, às margens do rio Urucu, produz-se 1,1 milhão de toneladas de gás de cozinha suficientes para abastecer Manaus e Porto Velho; 57 mil barris de óleo levíssimo e 7,8 milhões de m³ de gás natural sem afastar os animais da região. A Petrobras não tem pressa para encontrar novas reservas de gás natural e petróleo na Amazônia. Os 85 bilhões de m³ de gás natural nas redondezas da província petrolífera de Urucu, no município de Coari, a 650 quilômetros de Manaus, são suficientes para abastecer Manaus e Porto Velho por cerca de 45 anos, segundo



o gerente de Produção da unidade de Urucu, Mauro Mendes.

Praticamente todo o gás extraído de Urucu é reinjetado todos os dias para os poços de origem, por falta de escoamento da produção. O volume é suficiente para substituir derivados mais caros que abastecem as térmicas da El Paso, que fornecem energia elétrica à região com subsídios da União.

Dois gasodutos, com investimentos de US\$ 600 milhões, deverão levar o gás natural atualmente reinjetado às capitais. Com 430 km de extensão, o duto Urucu-Porto Velho, precisa de licença do Ibama. Atualmente, um gasoduto de 285 km, ligando Urucu a Coari, não transporta o gás natural por falta de continuidade da malha. O projeto da estatal é construir um gasoduto de Coari a Manaus. Para isso, a empresa aguarda a decisão do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipama). Segundo a Petrobras, os gasodutos não causarão impactos ambientais à floresta, a exemplo do duto Urucu-Coari, que foi encoberto pela mata.

A Petrobras estuda converter gás natural em óleo diesel a partir da construção de uma planta nos moldes internacionais "Gas to Liquefied", processo conhecido como GTL. Para tanto, a empresa terá de desembolsar recursos estimados em mais de US\$ 1 bilhão, o que a leva a procurar parcerias. O gerente-geral da Unidade de Negócio da Bacia do Solimões, Sven Wolff, revela que a estatal já conversa com empresas que dominam a técnica na Austrália e África do Sul.

Outras alternativas em estudo para dar vazão ao gás natural produzido em Urucu, além da geração de eletricidade, são a criação de um pólo petroquímico nas redondezas de Manaus e ainda a produção de fertilizantes. A produção de GLP em Urucu, que hoje atende a Manaus e Porto Velho, vai abastecer também o Ceará a partir de 2004. A base de produção Pólo Arara, ligada a 60 poços de petróleo e gás, será ampliada para elevar em 500 mil toneladas a produção de gás de cozinha.